

# A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DE UMA EDUCADORA: MARIA GUILHERMINA E A PEDAGOGIA NORTE-AMERICANA <sup>1</sup>

---

*Carla Simone Chamon*

## **Resumo**

Este artigo é um relato historiográfico da trajetória profissional de Maria Guilhermina Loureiro de Andrade (1839-1929), professora, escritora e tradutora que atuou no Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais na segunda metade do século XIX e início do século XX. Seu objetivo é lançar luz sobre a trajetória e as idéias dessa educadora, cuja atuação foi marcada por sua opção pela fé reformada e por uma prática e reflexão no campo da educação orientada para os padrões pedagógicos norte-americanos.

**Palavras-chave:** trajetória profissional, padrões pedagógicos norte-americanos, protestantismo.

## THE PROFESSIONAL LIFE OF AN EDUCATOR: MARIA GUILHERMINA AND THE NORTH AMERICAN PEDAGOGY

### **Abstract**

This article is a historiographical report on the professional life of Maria Guilhermina Loureiro de Andrade (1839-1929). She worked as a teacher, writer and translator in Rio de Janeiro, São Paulo and Minas Gerais during the second half of the XIX and in the early XX century. The purpose of this article is to shed light on the life an intelectual/teacher whose work was distinguished by her decision to adopt a presbyterian reformed faith and because she focused her practice and reflexions on the educational field based on North American pedagogical standarts.

**Keywords:** professional life, North American pedagogical standarts, protestantism.

---

<sup>1</sup> Esse texto é parte modificada das reflexões desenvolvidas na minha tese de doutorado intitulada *Maria Guilhermina Loureiro de Andrade: a trajetória profissional de uma educadora*, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da FaE/UFGM, em 2005, sob a orientação do professor doutor Luciano Mendes de Faria Filho.

LA TRAYECTORIA PROFESSIONAL DE UMA  
EDUCADORA: MARIA GUILHERMINA Y LA  
PEDAGOGIA NORTE-AMERICANA.

**Resumen**

Este artículo es un relato historiográfico de la trayectoria profesional de Maria Guilhermina Loureiro de Andrade (1839 - 1929), profesora, escritora y traductora que actuó en Rio de Janeiro, San Paulo y Minas Gerais en la segunda mitad del siglo XIX e inicio del siglo XX. Su objetivo es lanzar luz sobre la trayectoria y las ideas de esa educadora, cuya actuación fue marcada por su opción por la fé reformada y por una práctica y reflexión en el campo de la educación orientada para los padrones pedagógicos norte-americanos.

**Palabras clave:** trayectoria profesional, padrones pedagógicos norte-americanos, protestantismo.

LE PARCOURS PROFESSIONNEL D'UN EDUCATEUR:  
MARIA GUILHERMINA ET LA PÉDAGOGIE NORD-  
AMÉRICAINÉ

**Résumé**

Cet article est le rapport historiographique du parcours professionnel de Maria Guilhermina Loureiro de Andrade (1839-1929), professeur, écrivain et traductrice qui a travaillé à Rio de Janeiro, à São Paulo et à Minas Gerais dans la deuxième moitié du XIX<sup>ème</sup> siècle et au début du XX<sup>ème</sup> siècle. Son but est celui d'éclairer l'itinéraire et les idées de cet éducateur dont le travail a été marqué par son choix de la foi réformée et d'une pratique et d'une réflexion, dans le domaine de l'éducation, orientées vers les modèles pédagogiques nord-américains.

**Mots-clés:** parcours professionnel, modèles pédagogiques nord-américains, protestantisme.

Maria Guilhermina Loureiro de Andrade não é um nome ausente quando se trata de historiografia da educação brasileira. Muitos trabalhos, que se debruçam sobre o final do século XIX e início do XX, citam ou fazem referências ao seu nome e à sua atuação no campo educacional. A começar por Fernando de Azevedo (1976, p.140), em *A Transmissão da Cultura*:

Desde 1890 (...) entra a escola de formação de professores primários em fase nova – uma das mais brilhantes de sua história – sob a orientação de Antônio Caetano de Campos, assistido em seu esforço renovador por Maria Guilhermina Loureiro de Andrade que esteve quatro anos estudando nos Estados Unidos e Miss Márcia Browne, ex-diretora de uma Escola Normal em São Luís, Massachusetts (...)

passando por Venâncio Filho (1946), Samuel Pfromn Netto (1974), Maria Lúcia Hilsdorf Barbanti (1977), Terezinha Collichio (1976), Tizuco Kishimoto (1986), Casemiro dos Reis Filho (1995), Rosa Fátima de Souza (1998), Carlos Monarcha (1999), Luciano Mendes de Faria Filho (2000), Maria do Rosário Mortatti (2000), Heloísa Villela (2000), Moisés Kuhlmann Júnior (2000), Maria Helena Câmara Bastos (2001), Geysa Abreu (2003) entre outros<sup>2</sup>.

Na maior parte desses trabalhos, Maria Guilhermina é apenas citada ou são poucas as referências a seu respeito e seu nome aparece, em geral, para corroborar a tese da influência dos processos norte-americanos de ensino na Reforma que se deu em São Paulo, no princípio do período republicano. Ela é citada, então, como uma professora que passou algum tempo estudando nos Estados Unidos, sendo por este motivo, convidada por Caetano de Campos a tomar parte na reforma da instrução pública

---

<sup>2</sup> Esta revista, na sua edição n.º 8 (set. 2000), traz como imagem de capa, a capa do *Primeiro Livro de Leitura*, escrito por Maria Guilhermina. A revista não atribui autoria à imagem, nem cita a origem da mesma.

paulista iniciada no ano de 1890, como diretora da escola modelo feminina, anexa à Escola Normal. Em pelo menos cinco dos autores listados anteriormente<sup>3</sup>, aparece a citação de uma carta, transcrita nas memórias de um ex-aluno da referida escola paulista - João Lourenço Rodrigues - na qual Caetano Campos contava a Rangel Pestana sobre a contratação de Guilhermina:

Depois de uma luta que talvez lhe possa contar um dia, descobri por intermédio de Dr. Lane, da Escola Americana - a quem ficarei eternamente grato pelo muito que tem se interessado pela êxito de nossa reforma - uma mulher que mora aí no Rio, adoentada, desconhecida, e que esteve quatro anos estudando nos Estados Unidos. É uma professora, diz Lane, como não há segunda no Brasil e como não há melhor na América do Norte. Estudou lá, sabe todos os segredos do método, escreve compêndios, sabe grego, latim, em suma é a avis rara que eu buscava. Escrevi-lhe. Mostrou-se boa alma, com grande família a sustentar e não podendo vir para cá senão com 500\$000 mensais. No mais, muito entusiasmada pela reforma. Consegui do Prudente o contrato. Confesso que estou cativo dele. Como vê não é sem razão. A mulher do Rio (D. Maria Guilhermina Loureiro de Andrade) vem, pois, reger a aula de meninas da escola-modelo. Chegará antes do fim do mês (RODRIGUES, 1930: 192).

Chama a atenção nesse relato o adjetivo – *avis rara* – empregado por Caetano de Campos para designar Maria Guilhermina, mulher desconhecida, mas que havia estudado nos Estados Unidos, era perita no método intuitivo, escrevia compêndios, além de possuir vasto conhecimento, incluindo saberes que poucos dominavam naquela sociedade, como grego e latim. Essa não era uma situação comum em fins do século XIX, o que nos leva a perguntar, entre outras coisas, o que

---

<sup>3</sup> Barbanti (1977: 181); Reis Filho (1995: 57); Monarcha (1999); Faria Filho (2000: 101); Abreu (2003: 125).

permitiu/possibilitou essa sua inserção singular no campo educacional brasileiro nesse período.

Procurando, então, compreender algumas de suas práticas e de suas idéias que foram postas em circulação em fins do século XIX e início do XX e que fizeram dela, para seus contemporâneos, uma *avis rara*, o que se pretende aqui é construir um relato historiográfico da sua trajetória profissional. Como veremos, a trajetória de Maria Guilhermina (1839-1929), professora, diretora, escritora e tradutora que atuou no Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais entre meados do século XIX e início do XX, foi fortemente marcada pela sua interlocução e sua prática orientada para os padrões pedagógicos norte-americanos. Nesse sentido, o que objetivo aqui é lançar luz sobre alguns aspectos da trajetória dessa educadora, buscando pelas condições sócio-históricas que tornam inteligíveis essa sua escolha no interior do campo educacional.

É preciso que se diga que a noção de trajetória não tem aqui o sentido de caminho, estrada ou percurso a ser percorrido, dado de antemão, restando ao sujeito apenas percorrê-lo, como se a vida fosse apenas um desenrolar de acontecimentos num espaço determinado. Como ressalta Bourdieu (1996, p. 183), tomar a trajetória de uma vida como "uma corrida, um *cursus*, uma passagem, uma viagem, um percurso orientado, um deslocamento linear, unidirecional", com começo, meio e fim (no sentido de término e de finalidade), seria aceitar a história como mera sucessão de acontecimentos. Contrariando esse entendimento é que a noção de trajetória que sustenta este breve relato parte do pressuposto de que tanto o sujeito quanto o espaço social que ele ocupa são múltiplos, variados, criados e recriados incessantemente e só existem em relação um com o outro, não podendo, por isso, ser tomados como elementos separados de uma mesma operação. O espaço social, o sujeito e sua trajetória são um "vir-a-ser", sendo antes o resultado do percurso, das escolhas, das experiências vividas, das relações estabelecidas do que o ponto de partida; não

estando dados e prontos *a priori*, eles são a própria história e não condição para seu desenrolar.

Nesse sentido, a trajetória e o sujeito que a "percorre" são fruto das experiências vividas no tempo sócio-histórico. Essa experiência, entretanto, não é a explicação da história, de uma vida ou de um grupo, devendo, por isso, ser historicizada (Scott, 1999, p. 27). Escrever, pois, sobre Maria Guilhermina é tentar compreender como uma vida se constitui por meio de diferentes e inúmeras experiências – de gênero, de religião, por exemplo –, desnaturalizando essas experiências e buscando explicá-las historicamente, apontando para as condições nas quais elas se produziram e para as redes de sociabilidade nas quais se inscreveram. Como aponta Jean François Sirinelli (2003), os indivíduos se organizam em grupos que partilham uma sensibilidade cultural ou ideológica e afinidades difusas, sendo necessário ao historiador restituir o indivíduo não ao seu contexto geral e abstrato, mas à sua rede de relações concretas<sup>4</sup>. Relações estruturadas em rede que falam de lugares mais ou menos formais de aprendizagem e de troca, de "laços que se atam", de contatos e articulações fundamentais. Ao mesmo tempo, a noção de rede remete ao "microcosmo" particular de um grupo: "As 'redes' secretam, na verdade, microclimas à sombra dos quais a atividade e o comportamento dos intelectuais envolvidos frequentemente apresentam traços específicos" (SIRINELLI, 2003, p. 252)<sup>5</sup>.

Partindo dessas considerações, a trajetória profissional de Maria Guilhermina vai ser aqui (re)construída a partir de seu

---

<sup>4</sup> Essa forma de compreender e construir a trajetória de um indivíduo tem sido profícua em estudos sobre trajetórias de vida. No caso da história da educação, ver Mirian Warde (2003).

<sup>5</sup> Enquadramento necessário para a compreensão de um indivíduo e seu grupo, esse procedimento não descarta a compreensão da sociedade mais ampla na qual esse indivíduo se insere. Se o indivíduo não pode ser pensado fora de sua rede de relações concretas, estas, por sua vez, não dispensam a compreensão das relações sociais mais amplas.

pertencimento religioso e das redes de relações que ele implicou. Rede que não determinou de modo exclusivo e mecânico a sua trajetória, mas que funcionou como um quadro de referência e me permitiu situar e compreender suas idéias, escolhas e ações.

## A trajetória e sua chave de leitura

Maria Guilhermina Loureiro de Andrade nasceu em 5 de abril de 1839, em Minas Gerais, na cidade de Ouro Preto. Mulher branca, solteira, sem filhos, sem grandes recursos financeiros, foi professora, diretora de escolas, tradutora, escritora e morou a maior parte de sua vida no Rio de Janeiro, tendo também passado algum tempo em Nova York, São Paulo e Belo Horizonte. Converteu-se ao protestantismo, provavelmente, no início da década de 1860 e morreu aos 90 anos de idade, em 3 de julho de 1929, na cidade do Rio, vítima de arteriosclerose e colapso cardíaco<sup>6</sup>.

Era filha de João Estanislau Pereira de Andrade e Leonor Augusta Loureiro de Andrade – ele funcionário público, ela professora pública de primeiras letras – e tinha 16 irmãos. Desses, dois eram homens, um deles engenheiro e professor e cinco eram mulheres, todas professoras. Sua mãe teve esmerada educação, tendo sido aluna de Beatriz Brandão, considerada famosa professora em Ouro Preto (SABINO, 1899, p. 110). Além da capital da província mineira, a família viveu também em Vassouras e na Corte Carioca. Morando sempre em centros urbanos, pertencendo a uma camada social intermediária, sem ligação direta com grandes proprietários rurais, sua família compunha o quadro do funcionalismo nas cidades onde viveram.

Não encontrei dados sobre escola, currículo, professores e livros que fizeram parte da formação inicial de Maria Guilhermina. Entretanto, foi possível detectar que sua formação se deu em um

---

<sup>6</sup> Sobre os dados biográficos de Maria Guilhermina ver Carla Chamon, 2005.

ambiente familiar mais propício e aberto à instrução feminina, sendo bastante provável que ela e suas irmãs tenham seguido os mesmos passos da educação da mãe, assim como lhe seguiram no exercício da docência. Na verdade, D. Leonor e suas filhas, faziam parte, nesse momento, de um grupo ainda pequeno de mulheres que tiveram acesso a uma certa educação intelectual e de um grupo ainda menor que se dedicou à docência.

Nada indica que sua formação elementar e docente tivesse sido muito diferente das poucas mulheres que na primeira metade do século XIX tiveram acesso à instrução primária. Mas, no que se refere à sua formação posterior, Maria Guilhermina percorreu uma trajetória singular. Em 1883, viajou para os Estados Unidos, onde permaneceu até 1887 se especializando na "ciência e na arte" de educar, estudando os métodos froebelianos. Sua instituição de formação foi o *New York Normal Kindergarten* (*New York Seminary for Kindergartners with a Model Kindergarten*), também chamado por Guilhermina de Academia Kraus-Boelte. Essa instituição foi aberta na cidade de Nova York, em 1873, e era dirigida por dois importantes expoentes da corrente froebeliana: Maria Kraus Boelte e seu marido John Kraus<sup>7</sup>. Essa experiência

---

<sup>7</sup> Maria Kraus-Boelte (1836-1918) estudou em Hamburgo com a viúva de Froebel, Louise Lewis Froebel, tendo se especializado na teoria e na prática do *kindergarten*, além de ter estudado pedagogia e psicologia. Depois de concluir seus estudos, trabalhou na Inglaterra onde pioneira na exibição dos trabalhos de *kindergarten*, desenvolvidos por seus alunos, na *Exposição Internacional* de 1862, realizada naquela cidade. Em 1872, foi para os Estados Unidos, a convite de uma educadora norte-americana – Miss Henrietta B. Haines – para organizar e dirigir um *kindergarten* na sua escola em Nova York. No ano seguinte, ela se casou com o professor John Kraus, também um especialista em *kindergarten*, membro do Comitê de Educação dos Estados Unidos e um dos responsáveis pela difusão do *kindergarten* nos Estados Unidos, tendo sido discípulo e amigo de Froebel. Nesse mesmo ano, abriram juntos, na cidade de Nova York, uma instituição destinada a formar professoras de *kindergarten*, o chamado *New York Seminary for Kindergartners with a Model Kindergarten*. Escreveram também o livro *The Kindergarten Guide*, publicado em Nova York entre 1877 e 1891<sup>7</sup>. Dedicado a professoras, mães e enfermeiras, nele os autores expunham minuciosamente, ao



que produziu uma inflexão na sua atuação no campo educacional, uma vez que, a partir dela, Maria Guilhermina Loureiro de Andrade ganhou maior visibilidade e reconhecimento no meio educacional.

Sua atuação profissional foi longa. Dos seus 90 anos de vida, Maria Guilhermina dedicou pelo menos 50 à tarefa de educar meninos e meninas. Em 1864, então com 25 anos de idade, abriu um colégio para educação de meninas, na vila de Nossa Senhora da Conceição em Vassouras, juntamente com sua mãe. Em 1868, fechou o colégio em Vassouras e solicitou, junto ao Conselho Diretor de Instrução da Corte, a abertura de um colégio de instrução primária e secundária, podendo ensinar francês, inglês, geografia e aritmética. No ano seguinte, foi aberto o Colégio Andrade, na cidade do Rio de Janeiro, estabelecimento que Maria Guilhermina dirigiu, auxiliada por suas irmãs e com algumas pequenas interrupções, até 1905 (ALMANAQUE LAEMMERT, 1869-1905).

A atuação profissional de Maria Guilhermina não se resumiu ao Colégio Andrade. Ela também trabalhou como professora primária no Colégio Aquino (REVISTA PEDAGÓGICA, 1890/1891, p. 322-323; NINA, 1944, p. 40; VENÂNCIO FILHO, 1946, p. 256), além de ter participado da Sessão de Instrução da *Exposição da Indústria Nacional*, realizada na Corte, em 1881. Nessa exposição, ela recebeu o diploma de progresso pela sua "aritmética da infância, apresentada em manuscrito", ao lado de sua irmã D. Francisca Loureiro de Andrade Franco, por sua gramática da infância, também manuscrita. Ainda nesse período, em 1883, Guilhermina escreveu um parecer sobre a organização dos jardins de infância para o *Congresso da Instrução do Rio de Janeiro* (que não se realizou), ao lado do Dr. Menezes Vieira e do Dr. Joaquim Teixeira de Macedo.

---

longo de 8 volumes e mais de 700 páginas, a teoria do *kindergarten* elaborada por Friederich Froebel (ROSS, 1976, p. 13-14; HARVEY, 1924, p. 75-83).

No final da década de 1880, depois da viagem aos Estados Unidos, a partir da qual passou a ser conhecida como professora especializada nos métodos pedagógicos norte-americanos, abriu um jardim da infância – ao qual ela denominou *Kindergarten Modelo* – e a primeira escola para formação de jardineiras na Corte carioca. Além disso, foi convidada a participar de duas importantes reformas de instrução: a Reforma Caetano de Campos, em São Paulo, em 1890, onde trabalhou na sessão feminina da Escola-Modelo, anexa à Escola Normal, e a Reforma João Pinheiro-Carvalho de Brito, ocorrida em Minas Gerais, em 1906, onde atuou como diretora de um grupo escolar da capital desse Estado e colaborou na organização do jardim da infância naquela cidade.

Mas essa maior visibilidade não se deu em razão apenas de sua viagem e de sua atuação, sendo fruto da publicação de artigos e livros na área. A sua produção no campo educacional não foi pequena, contemplando tanto manuais didáticos, quanto livros, traduções e artigos pedagógicos, especialmente sobre métodos de ensino e sobre os jardins da infância. Essa produção se concentrou no período posterior à sua viagem aos Estados Unidos, sendo veículo por meio do qual Guilhermina divulgou os princípios da chamada "Educação Nova". Dentre seus livros podemos destacar *O Kindergarten ou Jardim da Infância*, publicado no Rio de Janeiro, em 1888 e que divulgava os princípios básicos do jardim da infância; *Resumo da História do Brasil*: para uso das escolas primárias brasileiras, publicado em Boston, em 1888 e reeditado em 1894 e 1920; *Primeiro, Segundo e Terceiro livro de leitura*, série de livros de leitura para as escolas primárias, publicados em New York, entre os anos de 1894 e 1896; além da tradução do livro *Kindergarten Culture in the Family and Kindergarten: a complete sketch of Froebel's system of early education, adapted to american institutions for the use of mothers and teachers*, de William Hailmann, intitulado *Cultura de Kindergarten no Kindergarten ou Jardim das Crianças: esboço completo do sistema de Froebel sobre a*

*primeira educação para uso das professoras*, publicado no Rio de Janeiro, em 1887.

Trabalhando como diretora de escola particular, parecerista, professora, tradutora e autora de livros didáticos, Maria Guilhermina Loureiro de Andrade atuou intensamente no campo educacional brasileiro, tendo orientado sua prática para os padrões escolares norte-americanos. Desde o início da década de 1870, Guilhermina se destacou por uma forte interlocução com elementos do repertório educacional norte-americano, se apropriando e fazendo circular aqui outra concepção de educação e outra maneira de fazer a escola e de ensinar, adotando o método intuitivo, a co-educação dos sexos e um currículo feminino mais alargado, com disciplinas que geralmente não faziam parte da educação das mulheres no oitocentos como o grego e a geometria. Além disso, o acento de sua pedagogia estava na idéia de que o aluno aprende por meio da atividade e experiência individual, do ensino útil e prático, centrando o processo de ensino-aprendizagem na criança, valorizando a formação de homens livres e úteis à sociedade.

Na sua trajetória, chama a atenção não só a sua intensa atuação e profissionalização, mas também sua opção pelos padrões norte-americanos de ensino. Essa aproximação com os saberes e práticas norte-americanos estava associada à sua opção pela fé reformada, no início da década de 1860<sup>8</sup>, e ao seu convívio com missionários e educadores presbiterianos, oriundos do norte dos Estados Unidos e ligados à Junta de Missões Estrangeiras de Nova

---

<sup>8</sup> Maria Guilhermina compôs vários hinos que constavam do hinário evangélico presbiteriano "Cânticos Sagrados", do século XIX. Esse hinário foi editado pela primeira vez em 1867 e uma segunda vez, ampliado, em 1875. Em 1896, ao hinário presbiteriano "Cânticos Sagrados" foram incluídas algumas músicas do hinário congregacionalista "Salmos e Hinos". Em todas as três edições encontramos hinos de autoria de Maria Guilhermina, sendo que a primeira edição, datada de 1867, traz nove deles. Esses dados nos permitem afirmar que a sua conversão foi anterior ao ano de 1867, data da edição do referido livro de hinos.

York (*Board of Foreign Mission*), que se instalaram no Brasil a partir da segunda metade do século XIX.

Essas missões norte-americanas que vieram para o Brasil tiveram papel importante no campo educacional, uma vez que adotaram em suas escolas e colégios aqui instalados – muitos deles influentes, como a Escola Americana de São Paulo – alguns dos padrões educacionais norte-americanos, tornando-se um veículo de circulação e visibilidade desses padrões. Esse contato com os missionários presbiterianos, do qual resultou a sua opção pela fé reformada, marcou sua trajetória pessoal e profissional, tendo em vista que foi com alguns dos agentes dessa nova religião que Maria Guilhermina conheceu e experimentou a nova fé e, por meio dela, uma outra sensibilidade e visão de mundo que marcaram a sua prática pedagógica. Além disso, foi por intermédio desses missionários que ela entrou em contato com os métodos pedagógicos praticados nos Estados Unidos, nos quais ela se especializou estudando em Nova York, na década de 1880, e que lhe valeu a denominação, tantas vezes repetida na historiografia da educação, de *avis rara*.

A trajetória percorrida por Maria Guilhermina no campo educacional nos remete a essa rede de pertencimento que operou, no seu caso, como filtro e veículo de acesso ao repertório pedagógico norte-americano. Desse rede, podemos destacar Miss Mary Dascomb e Miss Harriet Greenman, duas missionárias que vieram dos Estados Unidos com as quais Guilhermina trabalhou e, tomadas aqui como sujeitos que nos permitem, como sugere Sirinelli (2003, p. 246), esclarecer "genealogias de influências", colaboram para dar inteligibilidade ao seu percurso intelectual.

Mary Dascomb e Harriet Greenman eram professoras experientes que vieram dos Estados Unidos a pedido do missionário da Igreja Presbiteriana da cidade do Rio de Janeiro, nesse período. Vieram para o Brasil incumbidas da tarefa de dirigir a escola paroquial da referida Igreja segundo o modelo norte-americano de ensino (RELATÓRIO de Alexandre Blackford, 1869). Logo que chegaram ao Rio de Janeiro, as duas

missionárias, além de lecionarem na escola da Igreja, lecionaram também no Colégio Andrade em 1870, juntamente com Maria Guilhermina e suas irmãs (AGCRJ, Instrução Pública, código 12-4-12, p. 65). Em 1871, Miss Mary Dascomb foi enviada para a cidade de São Paulo para lecionar na Escola Americana e Miss Harriet Greenman foi enviada para a Igreja Presbiteriana de Campinas (LESSA, 1938, p. 86, 142, 176).

A presença dessas duas missionárias no Colégio Andrade evidencia um pertencimento e uma interlocução fundamental para a formação profissional de Maria Guilhermina, em termos de aprendizagem da cultura pedagógica norte-americana praticada pelos presbiterianos. A atuação dessas professoras no Colégio Andrade permitiu a Guilhermina a possibilidade de observar, no próprio cotidiano de sua escola, outra prática pedagógica, da qual ela possivelmente já deveria ter ouvido falar. Essa experiência marcou a trajetória de Maria Guilhermina e seu colégio, visto que mesmo depois da saída das duas missionárias, em 1871, o Colégio Andrade continuou a adotar o método intuitivo de ensino, novidade para a época e carro-chefe da chamada modernidade pedagógica dos colégios norte-americanos de confissão protestante<sup>9</sup>.

Horace Manley Lane também esteve nessa rede de relações travadas por Maria Guilhermina entre os educadores presbiterianos. Ele foi convidado, em 1884, para dirigir a Escola Americana de São Paulo e controlar os demais estabelecimentos de ensino mantidos no Brasil pela Junta de Missões de Nova York, tendo sido batizado e nomeado missionário da Igreja Presbiteriana pouco antes disso (ABREU, 2003, p. 53).

---

<sup>9</sup> Na década de 1870, Maria Guilhermina teve também uma passagem pela Escola Americana de São Paulo (LESSA, 1938, p. 452), escola essa que constituiu-se como referência em termos de organização e métodos pedagógicos para outras escolas presbiterianas que se instalavam no Brasil e que chegou a adotar alguns livros de Guilhermina (BARBANTI, 1977, p. 181; LAGUNA, 1999, p. 272).

Importante interlocutor dos liberais republicanos de São Paulo, foi Lane quem indicou Maria Guilhermina para trabalhar na Reforma da Instrução Pública paulista em 1890, ao lado de Miss Márcia Brown, educadora muito bem conceituada entre os presbiterianos. Aliás, Maria Guilhermina também gozava de um conceito elevado na visão do diretor da Escola Americana que se referiu a ela, junto a Caetano de Campos, como uma professora de competência sem igual no Brasil: "É uma professora, diz o Lane, como não há segunda no Brasil e como não há melhor na América do Norte" (*apud* RODRIGUES, 1930, p. 192).

Foi com a chancela de Horace Lane – que a creditava como excelente conhecedora do método intuitivo de ensino, base da Reforma paulista – que Guilhermina foi trabalhar na seção feminina da Escola-Modelo, anexa à Escola Normal, dirigida por Caetano de Campos, em 1890. Essa chancela, mais uma vez, evidencia a sua sintonia com os valores e os métodos da pedagogia norte-americana praticada pelos presbiterianos no Brasil.

Nesse sentido, a trajetória de Maria Guilhermina – sua prática e produção no campo da educação, seu diálogo com a pedagogia norte-americana, sua escolha de estudar nos Estados Unidos e se especializar na ciência e na "arte de ensinar", a maneira como ela experimentou sua condição feminina – tem como chave de leitura a sua inserção no cristianismo reformado, na sua versão presbiteriana, que veio do norte dos Estados Unidos para o Brasil em meados do século XIX. Falar em chave de leitura é falar de elementos que permitem uma certa construção e compreensão da trajetória de Maria Guilhermina, é falar de um jogo de relações que serviu de suporte para as suas práticas e representações, sem querer transformar as condições necessárias de leitura da sua trajetória em "condições suficientes de sua existência" (CASTORIADIS, 1982, p. 167). Ou seja, suas opções se articularam, mas não se reduziram, ao convívio com os missionários e educadores presbiterianos e a sua adesão à fé reformada. Esses elementos não foram a "causa" de suas opções, uma vez que não explicam nem determinam, de uma vez por todas,

a sua trajetória profissional, mas eles foram condição de possibilidade para essa trajetória, e é nesse sentido que o presbiterianismo norte-americano é aqui tomado como chave de leitura para a elucidação da experiência profissional de Maria Guilhermina.

A interlocução com as educadoras missionárias Miss Dascomb e Miss Greenmam, a passagem pela Escola Americana de São Paulo e os comentários de Horace Lane são reveladores de como essa rede exerceu influência na trajetória traçada por Maria Guilhermina Loureiro de Andrade no campo educacional. Mesmo que a participação nesse grupo tenha se dado de forma fragmentada, ela foi fundamental não só para o seu acesso aos modernos preceitos do repertório pedagógico norte-americano que ela fez circular na sua prática profissional, como também para a leitura desse repertório<sup>10</sup>.

## Maria Guilhermina e a Educação Nova no Brasil

Na sua atuação profissional, Maria Guilhermina se apropriou e fez circular no Brasil saberes e práticas do repertório educacional norte-americano, constituindo-se como mediadora/tradutora entre dois universos culturais: Brasil/Estados Unidos. Nessa operação, ela colocou em circulação não apenas um método considerado moderno e mais eficaz para ensinar as crianças – o método intuitivo –, motivo pelo qual ela teve seu nome registrado por alguns contemporâneos e historiadores da educação; ela divulgou, principalmente, uma outra concepção de educação, denominada "Educação Nova".

Segundo Maria Guilhermina, os princípios e métodos da "Educação Nova", por ela estudados nos Estados Unidos, estavam plenamente desenvolvidos no *kindergarten*. Falar deste último era

---

<sup>10</sup> Essa rede de pertencimento teve implicações também na sua condição feminina. Sobre essa questão confira CHAMON, 2005, cap. 1.

necessariamente falar da nova educação, uma vez que o *kindergarten* era não só um lugar, mas também uma cultura, uma série de meios e procedimentos, com fins e princípios determinados. Por isso, nos seus textos, os dois termos muitas vezes se confundiam e, ao anunciar a "Educação Nova", ela anunciava também o *kindergarten*, lugar/cultura por meio da qual as crianças viveriam "vida mais completa e feliz",

como plantas animadas, rodeadas de todas as circunstâncias favoráveis a seu livre desenvolvimento e educadas por meios adequados às suas disposições individuais, em contato constante com a Natureza, quer cultivando flores, quer tratando de animais, ou aprendendo suas interessantes histórias em breves conversações com a Jardineira, ou em seus brinquedos, procurando imitar as primeiras atividades da natureza. Deixar a criança brincar é educá-la. Os brinquedos bem dirigidos levam necessariamente as crianças a uma união mais profunda e mais elevada com o Universo (ANDRADE. *O Kindergarten ou Jardim da Infância*, 1888, p. 4).

Essa "Educação Nova", conforme a tradução de Maria Guilhermina da obra de Hailmann, tinha como alvo o "desenvolvimento de individualidades independentes, apropriadas para a vida na sociedade – capazes de felicidade e eficientes para utilidade – sobre a base da moralidade e da razão" (HAILMANN, 1887, p. 12-13, tradução de Maria Guilhermina Loureiro de Andrade). Segundo ela, foi com base nesses princípios, que Pestalozzi e Froebel desenvolveram novas formas de ensinar, estando a excelência e importância desses dois educadores na formulação de métodos que atendiam aos fins propostos pela nova educação. Pestalozzi baseava seus métodos de ensino na intuição e nos sentidos humanos, buscando "desenvolver as forças humanas de dentro para fora", com base num ensino gradual e progressivo. Pestalozzi procurou formular métodos que desenvolvessem as "faculdades receptivas" do aluno (o método intuitivo), ao passo que



Froebel, seu seguidor, debruçou-se sobre as "faculdades expressivas" (Ibidem, p. 18-19).

Foi então pensando em desenvolver as faculdades expressivas das crianças e com o objetivo de estabelecer um sistema de ensino "sobre a base da moralidade e da razão, da religião e da humanidade" (Ibidem, p. IV) que Froebel idealizou o *kindergarten*. Maria Guilhermina alertava seus leitores para o fato de que o *Kindergarten* não era uma escola, como muitos afirmavam, mas sim "um lugar de reunião infantil", onde as crianças entre 3 e 7 anos se desenvolviam física, mental e moralmente. Lá não se tratava de instrução – de ler, escrever e contar – nem de regras, definições ou livros, mas de "atividade e energia", "atividade dos membros, atividade dos sentidos, atividade do espírito, do coração e dos instintos religiosos" (ANDRADE. *O Kindergarten ou Jardim da Infância*, 1888, p. 8-9).

Segundo ela, o objetivo do *kindergarten*, assim como da "Educação Nova", era desenvolver as faculdades físicas, mentais e espirituais, era "educar as mãos, desenvolver a inteligência e elevar os sentimentos" (Ibidem), tornando a criança "verdadeiramente digna, útil e feliz" (ANDRADE. *Parecer*, 1884, p. 2), era dar-lhe a primeira educação, que se resumia

em exercer sobre ela uma certa influência de acordo com suas disposições naturais, dar-lhe força ao corpo, exercitar-lhe os sentidos, ocupar-lhe as faculdades mentais que principiam a formar-se, torná-la pelo pensamento familiar com o mundo da natureza e do homem e guiar seu tenro coração e sua alma inocente na direção do bem, preparando-a para a mais elevada compreensão da Unidade Suprema em Deus (ANDRADE. *O Kindergarten ou Jardim da Infância*, 1888, p. 8).

Para Maria Guilhermina, esse objetivo seria alcançado por meio da aplicação dos métodos desenvolvidos por Froebel para

o *kindergarten*, classificados por ela em brinquedos mentais<sup>11</sup> e brinquedos de movimento – atividades físicas e jogos, além das canções, histórias e conversações. Aqui, além de educar o coração e as mãos, educavam-se também os sentidos, por meio do ensino intuitivo ou ensino de objetos. Nesse ponto, o método proposto pela nova educação se colocava em oposição aos métodos antigos, considerados como a expressão do ensino abstrato, sem contato com os objetos do mundo real, realizado por meio da memorização e da repetição. O ensino intuitivo, por sua vez, baseava-se na observação e na imaginação, sendo que sua aplicação se fazia preferencialmente por meio de objetos que eram colocados para os alunos observar: era o estudo das coisas. O princípio norteador desse processo era o de que, por meio da observação, o conhecimento não seria apenas transmitido, mas "gerado com base no contato com o objeto" (VALDEMARIN, 2000, p. 77).

O método intuitivo era geralmente indicado para as classes de ensino elementar, mas nem por isso deixou de ser reclamado também para o ensino dos pequeninos. Segundo Hailmann (1887, p. 50), na tradução de Maria Guilhermina, o ensino de objetos era um "nome dado a um lado mental do método da Educação Nova" e deveria ser aplicado no *kindergarten* de maneira menos extensa do que propunha Calkins para as escolas elementares. Ele visava ao desenvolvimento mental da criança e era fundado no princípio segundo o qual "o conhecimento do fato empírico mais insignificante, tão bem como o da verdade mais abstrata, podem chegar à nossa mente só por meio dos sentidos", com o auxílio da observação, da imaginação e da memória. A partir do princípio de que "aprendemos pela observação", os três principais pontos das lições sobre objetos foram assim traduzidas por Maria Guilhermina:

---

<sup>11</sup> Os brinquedos mentais eram os chamados dons e ocupações, materiais dos quais se servia a jardineira para educar a criança.

1º Cultivar as faculdades em sua ordem natural – percepção, concepção, juízo.

2º Proceder do conhecido para o desconhecido – do simples para o complexo – do concreto para o abstrato – do todo para as partes (relativamente a objetos e fenômenos) – do particular para o geral (relativamente às idéias).

3º Acostumar a criança à atividade (ANDRADE. Cultura de Kindergarten: lições sobre objetos, 7 nov. 1887, p. 69).

Se nas classes elementares tinha-se em mira uma explicação mais exaustiva dos objetos, no *kindergarten* o que se buscava era despertar a atenção da criança, cultivando hábitos de "observação exata e expressão clara". Aqui, seu objetivo não era transmitir conhecimentos, mas familiarizar as crianças com os procedimentos de observação, análise e comparação, ou seja, com os procedimentos de investigação, próprios ao raciocínio científico. Nesse sentido, os brinquedos, exercícios e atividades propostos pelas jardineiras e professoras não eram a finalidade do *kindergarten* e da escola primária, mas sim um meio para alcançar fins mais elevados, desenvolvendo nas crianças "uma inteligência clara, uma consciência pura e uma vontade livre", "tornando-as homens e mulheres felizes e úteis à sociedade" (ANDRADE. O Preparo da Mestra, 1900, [s.p.]).

A excelência, tanto do método intuitivo quanto dos métodos próprios do *kindergarten*, estaria, assim, na sua afinidade com os princípios e fins da "Educação Nova", uma vez que eles levariam a criança a desenvolver sua individualidade, além de estarem baseados em leis psicológicas, segundo seus propositores (ANDRADE. Apontamentos de um jornal de viagem, 14 out. 1887). Uma das insistências dessa nova educação era a necessidade de um ensino progressivo e proporcional à capacidade e ao desenvolvimento natural do aluno, devendo, por isso, estar de acordo com as "leis" que regeriam o desenvolvimento infantil. Segundo Maria Guilhermina, o desenvolvimento harmônico da

criança deveria obedecer aos "princípios da ciência de ensinar", sendo que as "leis naturais do desenvolvimento infantil", a partir das quais se podia estabelecer uma ordem de sucessão e progressão para o ensino, não podiam ser desprezadas<sup>12</sup>.

Nesse sentido, a educação, tanto mental quanto física, deveria, primeiro, cuidar do desenvolvimento das faculdades expressivas da criança – imitação e invenção – para depois trabalhar sucessivamente as percepções, concepções e juízos:

Neste ponto, são os modernos métodos inteiramente diferentes dos antigos; pelos quais é considerado o melhor mestre aquele que "mais puxa", como se diz, pelo aluno, cuja inteligência quase em geral perde em força e vigor quanto aparentemente a memória ganha em repetir as palavras do livro ou a explicação do mestre; porque "decorar" não é "aprender". O menino só aprende quando assimila conhecimentos, para o que é indispensável pensar e julgar por si (ANDRADE. Alocução, 1891/1892, p. 238).

Alertando contra os perigos de um trabalho excessivo e em desacordo com a capacidade do aluno, Maria Guilhermina argumentava que não cabia ao professor determinar o que o aluno deveria fazer, mas, sim, estar preparado para guiá-lo naquilo que ele poderia fazer: "[...] dirigindo esta elaboração mental, evitamos sempre intervir de modo a dar-lhe um cunho estranho, que estragaria todo aquele trabalho só próprio de quem o executa no limite de suas forças e de sua experiência" (Ibidem). Nesse sentido, o desenvolvimento harmônico das faculdades da criança e sua individualidade, eram o

---

<sup>12</sup> Em seus textos, Maria Guilhermina fazia constantemente uma advertência nesse sentido: "quase ninguém se lembra de que as leis que regem o desenvolvimento do espírito são tão fatais, como as que presidem o desenvolvimento da matéria e que, portanto, não podem ser impunemente violadas" (ANDRADE. Alocução, 1891/1892, p. 241).

fim verdadeiro do *kindergarten* e da escola primária, e não, como geralmente se pensava, "dar conhecimentos" já adquiridos e acumulados por outros; pois que conhecimentos verdadeiramente só podem ser adquiridos por experiência individual. O professor primário pouco, ou antes, nada tem que ensinar, deve guiar metodicamente na observação dos fatos para a indagação da verdade e a compreensão das leis naturais" (ANDRADE. Alocução, 1891/1892, p. 240).

Os princípios que fundamentavam essa concepção de educação eram muito próximos daqueles professados pelos missionários educadores norte-americanos: liberdade e individualismo<sup>13</sup>. Como nas escolas americanas de confissão presbiteriana, o acento dessa pedagogia que ela punha a circular no Brasil estava na aprendizagem por meio da atividade e experiência individual, do ensino útil e prático – *do by yourself* e *learning by doing* –, centrado na criança e cujo objetivo era formar homens livres, independentes e úteis à sociedade. Diretrizes que confirmaram seu nome nas reformas de instrução paulista e mineira, inspiradas nos modelo de educação escolar dos missionários norte-americanos.

Além disso, seus textos nos revelam não só uma aproximação do universo pedagógico de Froebel, mas também uma aderência aos princípios filosóficos, profundamente religiosos, do pedagogo alemão, para quem a educação deveria levar à unidade do homem com Deus e com a natureza. Ou, nas palavras de Guilhermina, seu objetivo deveria ser guiar o coração da criança "e

---

<sup>13</sup> A observação de Fernando de Azevedo (*apud* RAMALHO, 1976, p. 145) a propósito das escolas de confissão protestante pode ser também feita para as idéias de Maria Guilhermina a respeito da educação. Essas idéias vinham "marcadas do espírito protestante no que tem de essencial, e um de cujos traços característicos é um sentimento muito vivo da liberdade, - livre exame, liberdade de consciência, de crítica e de discussão. Se a esse traço fundamental se acrescentar o do individualismo que lhe está intimamente ligado [...] poder-se-á compreender melhor a força com que esses princípios penetraram suas concepções educacionais, dando-lhes o tom, o estilo e a direção que lhe são peculiares".

sua alma inocente na direção do bem, preparando-a para a mais elevada compreensão da Unidade Suprema em Deus" (ANDRADE, *O Kindergarten ou Jardim da Infância*, 1888, p. 8).

Foi, então, colada nos princípios de Froebel que ela divulgou o *kindergarten* e a "Educação Nova" no Brasil. Sua finalidade e seus métodos seguiam bem de perto aqueles divulgados pelos froebelianistas norte-americanos, com quem dialogou. Também para ela, o aspecto pedagógico do pensamento do pedagogo alemão não se dissociava de seus princípios filosóficos e religiosos. Esse viés, presente na sua escrita, certamente tinha ancoragem na sua condição de protestante presbiteriana e na sua interlocução com esse grupo. Foi com o filtro religioso da fé cristã reformada que ela leu a "Educação Nova", dando sentido ao seu projeto de educação, que era também um projeto de homem e de humanidade.

Certamente que Maria Guilhermina teve muitos outros interlocutores, em razão, inclusive, de uma itinerância privilegiada, tanto no campo educacional como professora, diretora, escritora, tradutora, parecerista, quanto em termos geográficos, nas diversas cidades pelas quais passou. Ligada a outras redes de relações, travadas no ambiente familiar, no ambiente de trabalho e em outros espaços sociais, que ainda permanecem como "zonas opacas" na construção da sua trajetória, foi a ligação com a rede presbiteriana que permitiu aqui iluminar o seu percurso.

## Referências

ABREU, Geysa S. *Escola Americana de Curitiba (1892-1934): um estudo do americanismo na cultura escolar*. 2003. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

AGCRJ, Instrução Pública, código 12-4-12

ALMANAQUE ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL DO RIO DE JANEIRO, Laemmert, 1844-1915.

ANDRADE, Maria Guilhermina Loureiro de. Organização dos jardins da infância (4<sup>a</sup> questão). *In: ATAS e pareceres do Congresso da Instrução do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tip. Nacional, 1884. p. 1-2.

ANDRADE, Maria Guilhermina. Alocação proferida pela diretora do Externato Andrade, por ocasião dos exames das aulas elementares de seu estabelecimento, no dia 13 de dezembro de 1891. *Revista Pedagógica*, Rio de Janeiro, t. 3, p. 237-241, 1891/1892.

ANDRADE, Maria Guilhermina. Apontamentos de um jornal de viagem. *A Instrução Pública*, Rio de Janeiro, p. 55, 14 out. 1887.

ANDRADE, Maria Guilhermina. Cultura de Kindergarten: lições sobre objetos. *A Instrução Pública*, Rio de Janeiro, p. 68-69, 7 nov. 1887.

ANDRADE, Maria Guilhermina. *O Kindergarten ou Jardim da Infância*. Rio de Janeiro: Typ. e Lith. de Machado, 1888, 13p.

ANDRADE, Maria Guilhermina. *Preparo da mestra*. 16 de maio de 1900. APM, Arquivo Particular João Pinheiro, série III, cx. 29, doc. 3678. (manuscrito)

AZEVEDO, F. *A transmissão da cultura* (3<sup>a</sup> parte da 5<sup>a</sup> edição da obra *A cultura brasileira*). São Paulo: Melhoramentos; Brasília: INL, 1976.

BARBANTI, Maria Lúcia S. Hilsdorf. *Escolas americanas de confissão protestante na província de São Paulo: um estudo de suas origens*. 1977. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1977.

BASTOS, Maria Helena Câmara. Jardim de Crianças: o pioneirismo do Dr. Menezes Vieira (1875-1887), *In:*

MONARCHA, C. (Org.). *Educação da infância brasileira: 1875-1983*. Campinas: Autores Associados, 2001. p. 31-80.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 183-191.

CÂNTICOS sagrados, [s.l.], [1867].

CASTORIADIS, C. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CHAMON, Carla Simone. *Maria Guilhermina Loureiro de Andrade. A trajetória profissional de uma educadora (1864-1914)*. Tese (doutorado) – FAE/UFMG, Belo Horizonte, 2005.

COLLICHIO, Terezinha. A. F. *A contribuição de Joaquim Teixeira de Macedo para o pensamento educacional brasileiro*. 1976. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação de Universidade de São Paulo, São Paulo, 1976.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *Dos pardieiros aos palácios: cultura escolar e cultura urbana em Belo Horizonte na primeira república*. Passo Fundo: UPF, 2000.

FROEBEL, F. *The education of man*. Tradução de William Hailmann. New York: Appleton and Company, 1892.

HAILMANN, William. N. *Cultura de kindergarten no kindergarten ou jardim das crianças*. Tradução de Maria Guilhermina Loureiro de Andrade. Rio de Janeiro: Imp. Mont Alverno, 1887, 54p.

HARVEY, Anna K. Maria Kraus-Boelte (1836-1918). In: *Pioneers of the kindergarten in America*. New York and London: The Century CO., 1924, pp. 75-93.

KISHIMOTO, Tizuco M. *A pré-escola em São Paulo (das origens a 1940)*. 1986. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.



KUHLMANN JR., Moysés. Educando a infância brasileira. In: LOPES, Eliane M. T.; FARIA FILHO, Luciano M.; VEIGA, Cynthia G. (Org.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 469-496.

LAGUNA, Shirley. *Reconstrução histórica do curso normal da Escola Americana de São Paulo (1889-1933)*. 1999. Dissertação (Mestrado) – PUC-SP, São Paulo, 1999.

LESSA, Vicente Themudo. *Anais da Primeira Igreja Presbiteriana de São Paulo (1863-1903)*. São Paulo: Ed. Igreja Presbiteriana, 1938.

MONARCHA, Carlos. *Escola Normal da Praça: o lado noturno das luzes*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1999.

MORTATTI, Maria do Rosário. *Os sentidos da alfabetização (São Paulo/ 1876-1944)*. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

NINA, Celina Airlie. "Maria Guilhermina Loureiro de Andrade. *Educação*. Revista da ABE, p. 38-41, 1944.

PFROMM NETTO, Samuel e outros. *O livro na educação*. Rio de Janeiro: Primor/INL, 1974.

RAMALHO, Jether P. *Prática educativa e sociedade: um estudo de sociologia da educação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

REIS FILHO, Casemiro dos. *A educação e a ilusão liberal: origens do ensino público paulista*. Campinas: Autores Associados, 1995.

RELATÓRIO de Alexandre Blackford, 1869 - Arquivo Histórico Presbiteriano (São Paulo)

REVISTA PEDAGÓGICA, Rio de Janeiro, 1890-1896.

RODRIGUES, João L. *Um retrospecto: alguns subsídios para a história pragmática do ensino público em São Paulo*. São Paulo: Instituto D. Anna Rosa, 1930.

ROSS, Elizabeth Dale. *The kindergarten crusade: the establishment of preschool education in the United States*. Athens: Ohio University Press, 1976.

SABINO, Ines. *Mulheres ilustres do Brasil*. Rio de Janeiro: Garnier, 1899.

SCOTT, Joan W. Experiência. In: SILVA, LAGO e RAMOS (Org.). *Falas de gênero: teorias, análises e leituras*. Santa Catarina: Ed. das Mulheres, 1999. p. 21-55.

SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. In: REMOND, R. (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003. p. 231-269.

SOUZA, Rosa F. de. *Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: UNESP, 1998.

VALDEMARIN, Vera T. Lições de coisas: concepção científica e projeto modernizador para a sociedade. *Cadernos Cedes*, Campinas: Centro de Estudo Educação e Sociedade, n. 52, 2000, p. 74-87.

VENÂNCIO FILHO, Francisco. Contribuição norte-americana à educação no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro, v. IX, n. 25, p. 229-266, nov./dez. 1946.

VILLELA, Heloisa de O. S. O mestre escola e a professora. In: LOPES, Eliane M. T.; FARIA FILHO, Luciano M.; VEIGA, Cynthia G. (Org.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 95-134.

WARDE, Mírian Jorge. O itinerário de formação de Lourenço Filho por desapareção. *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 5, p. 125-167, jan./jun. 2003.

**Carla Simone Chamon** é professora do CEFET/MG.  
carlachamon@terra.com.br

Recebido em: 15/10/2008

Aceito em: 20/01/2008